

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2334

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 11 DE JULHO DE 1926

Verifica-se pelo decorrer dos acontecimentos que os militares se encarregam de acabar com a lenda da ditadura salvadora

Se quiséssemos exprimir nesta folha rebelde toda a nossa simpatia pelos militares que nos governam há pouco mais de um mês, com tanta ponderação e acerto, a censura não no-lo permitiria. C'est do magre, como dizem os franceses. Sim, causa pena que as palavras amáveis, que nossa pena vai traçando neste pobre papel que amanhã, por artes internas, aparece semeado de bonecos sem nexo, ante o olhar atônito do leitor, se destinem a um poço sem fundo de onde jamais saíram. Mas é tanto o nosso entusiasmo pelos actos gloriosos do exército que nós, iludidos, julgamos de começo perigosos para a nação, é tão sincero e impetuoso o nosso entusiasmo que, mesmo assim com a espada da censura na garganta, nos atalhamos a testemunhar publicamente a nossa admiração pelos famosos generais e todos quantos lhes obedecem neste—passe o termo gasto—momento histórico.

Como poderíamos nós zangarmos-nos com os militares, se eles provam dia a dia por actos e por palavras que não querem mal aos civis utópicos, como nós, que sonhamos com a extinção do exército e com a administração pública feita pelo povo trabalhador liberto de todas as tiranias? Para quê a nossa indignação contra um exército pacifista, como nós, que não se bate, que não bate em ninguém e que deseja apenas que o país o deixe entredevor-se à vontade?

Pensámos no início do movimento militar que outro recurso não restava aos civis, mais ou menos liberais, senão conspirar e lutar pela derrocada da nova tirania que se erguia. Hoje arrependemo-nos da nossa precipitação. Os civis, como os militares, também não devem bater-se. Os civis devem cruzar os braços e deixar o exército à vontade, à larga, porque ele é muito melhor amigo do que pensávamos.

Tudo o trabalho de desagregação e até mesmo de intriga que os avançados e os políticos liberais deveriam fazer no seio do exército está sendo executado pelos dirigentes militares e pelos inspiradores reaccionários. Portanto, para que tantas aflições senhores republicanos, anarquistas, sindicalistas? Não vale a pena a gente ralar-se. O exército é amigo e, pelos seus desejos de tirania, encarrega-se de ir abrindo caminho à Liberdade.

Não é delicado afirmar que esta situação começou por várias cabeçadas. Por amor à verdade, limitamo-nos a recordar que principiou pelo governo incanicular do comandante Cabeçadas, cujas boas

intencões o levaram à prática de curiosas asneiras, como a de querer à viva força tornar constitucional uma situação que por sua natureza não o podia ser. Bem haja, porém, essa cabeçada inicial do primeiro chefe da revolta, visto que ela permitiu estabelecer no seio do exército uma proveitosa confusão—momentaneamente má para o país, mas que já contribuiu bastante para criar esperança de melhores dias nos que defendem a Liberdade.

Depois, de confusão em confusão, de intriga em intriga, de ambição em ambição, o exército enleado na própria teia que teceu, entrou de caír aqui, levantar-se acolá—mas sempre gloriosamente, pela Pátria e pela República...

Gomes da Costa sentiu-se o homem da situação. Em seu peito vibrava um grande amor ao país, em seu cérebro palpitava todo um programa maravilhoso de regeneração e de progresso. E como um cidadão de tanta envergadura não pode de qualquer quinto andar modesto ditar a lei ao país, sua excelência instalou-se em Belém com a família. E deixou-se estar e fez nomeações, e demitiu gente e voltou a nomear, e deu-se ao trabalho extenuante de salvar a Pátria e a República...

Mas o exército não estava contente com a obra grandiosa do grande general. E, um dia, aquele exército, que tantas vezes lhe jurou fidelidade, que o aclamou, que o seguiu triunfante sobre Lisboa, cercou-lhe o palácio e prendeu-o. Depois demitiu-o. E por fim mandou-o... veranear.

Como se vê não era aos paisanos que competia inutilizar o sr. Gomes da Costa, espécie de ditador, que tentava governar de acordo com aquela Constituição que anteriormente permitira aos maus políticos governar sem acerto, nem prestígio, nem vergonha.

O exército que veio dar ao povo uma lição de disciplina e de competência tem feito em pouco tempo as mais cabais demonstrações. Não temos erros a apontar-lhe, nem censuras a dirigir-lhe. Apenas nos permitimos pedir, rogar, implorar humilde e disciplinadamente que continue, que prossiga na sua obra, que persista na sua maravilhosa acção... Assim, acabará com a perigosa lenda, que muita gente tomava como verdadeira, de que o exército era, pela violência e pela ditadura, capaz de salvar a sociedade burguesa que a própria burguesia vinha afundando.

Glória aos nossos generais!...

O general Gomes da Costa está sob homenagem na cidade de Cascais

Poi demitido, sem ter exercido o cargo, o consultor jurídico da Presidência da República—Poi atenuado o rigor da suspensão de garantias

Aguardando um oficial da mesma patente, porém, mais antigo, conservou-se no palácio de Belém, durante a noite de ontem, o general Gomes da Costa. Em redor da sua atitude bordaram-se vivos comentários, que o decurso dos acontecimentos parecia justificar.

O governo do general Carmona ofereceu-lhe insistentemente completa liberdade, e dando-lhe, desde Belém até sua casa, todas as honras inerentes ao cargo de presidente da república. Mas Gomes da Costa tudo recusou, declarando penitentemente que só sairia de Belém, sob prisão.

Do que se passava, as notícias contraditórias que se espalhavam, não perturbavam, sequer, a calma da população. Esta mostra, desde há longos dias, um interesse muito relativo pelos acontecimentos, pois, se limita, ante o discurso dos generais, a comentar e a escutar os boatos que incessantemente deslocam de toda a parte e para toda a parte.

Dizia-se ontem, e um jornal da tarde afirmava ter colhido a informação de fonte autorizada, que o general Gomes da Costa não quiz assinar o decreto de exoneração do seu ministério e nomeação do gabinete presidido pelo general Carmona.

Em face da recusa do general Gomes da Costa, o presidente do ministério convidou o sr. general João Alves Camacho, de infantaria, para acompanhar o chefe do governo deposto a Caxias, ao Quartel General do Campo Entrincheirado.

A's 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia à paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A hora a que o general Camacho chegou a Belém, Gomes da Costa estava deitado. Levantou-se para o receber. Acompanhavam-no os seus ajudantes. O general Camacho deu-lhe conta da missão que levava, em nome do governo. Gomes da Costa respondeu que ainda não tinha transmitido a ninguém os poderes que lhe tinham sido conferidos. Considerava-se ainda, para todos os efeitos, o chefe do poder executivo e, nessa qualidade, não obedecia a ninguém.

Ponderou-lhe o general Camacho a inutilidade de resistir a uma ordem que lhe tinha sido dada pela pessoa que, neste momento, ocupa a chefia do poder executivo.

A discussão continuou por algum tempo. O chefe da revolta militar de Braga declarou que se sentia doente e que só deixaria o palácio de manhã, ao que o general Camacho respondeu que se conservaria junto dele até essa hora.

O general Gomes da Costa mudou, porém, de atitude, declarando que acompanharia o seu camarada mais antigo, porque não valia a pena opor resistência.

E depois de tomar uma chavena de café, saiu do palácio e entrou para um automóvel do Congresso da República, que o aguardava à porta. Nesse carro, além dos dois

generais, tomou lugar o tenente Moura, ajudante e genro do ex-presidente do ministério. Noutro carro, seguiram o filho e alguns amigos íntimos do general. A saída do palácio, encontrava-se presente o tenente-coronel Bivar de Sousa. Eram 5,45, quando os automóveis se puzeram a caminho de Caxias, onde chegaram vinte minutos depois. Como, porém, em Caxias não houvesse alojamentos, o general Gomes da Costa foi conduzido à cidade de Cascais, com a mesma liberdade de sair quando entender.

O movimento nos ministérios

A-pesar da atitude do general Gomes da Costa, saíram ontem, em suplemento ao Diário do Governo os seguintes decretos:

«O governo da República Portuguesa há por bem exonerar do cargo de presidente do ministério, ministro da guerra e interior do interior o general Manuel de Oliveira Gomes da Costa e nomear presidente do ministério e ministro da guerra o general António Oscar de Fragoço Carmona».

«O governo da República Portuguesa há por bem exonerar o cidadão Filomeno da Câmara Melo Cabral, Martinho Nobre de Melo e João de Almeida, respectivamente de ministros das finanças, negócios estrangeiros e colónias».

«O governo da República Portuguesa há por bem nomear os cidadãos Felisberto Alves Pedrosa, João José Snel de Cordes, António Maria de Betencourt Rodrigues e João Belo, respectivamente, ministros do interior, finanças, negócios estrangeiros e colónias».

Todos estes decretos trazem a data de 9 de Junho e são assinados pelos seguintes senhores:

Manuel Rodrigues Júnior, Jaime Afrelxo, Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, Artur Ricardo Jorge e Felisberto Alves Pedrosa.

O tenente coronel Passos e Sousa regressou ontem de manhã a Lisboa, retomando a pasta do comércio. Também reassumiram ontem as gerências das suas pastas os sr. Manuel Rodrigues Júnior, ministro da justiça; Artur Ricardo Jorge, ministro da instrução, e general Alves Pedrosa, ministro da agricultura.

Um consultor sem prognósticos

Foi ontem para o Diário do Governo um diploma mandando ficar sem efeito o decreto que nomeou o dr. sr. Albino Vieira da Rocha para o cargo de consultor jurídico e técnico junto da presidência do ministério.

Diminuíram as restrições

Por acordo entre o sr. governador civil e o comandante da 1.ª Divisão, foi decretado que cafés e restaurantes se encerrarem às 11 horas e os espectáculos à meia noite e meia hora. O trânsito de veículos e pões é livre das 5 horas da manhã à uma hora da noite.

Breves considerações sobre uma região rica cuja população morre de fome e inacção

Pessoa asizada que não tem política e segue os acontecimentos com a frieza de um bom crítico que assiste a um espectáculo, dizia-nos ontem sublinhando as palavras com um sorriso séptico:

—Portugal é uma região rica, onde os habitantes são pobres. Os portugueses passam a vida a questionar enquanto a sua riqueza dorme entediada, aguardando a inteligência que as aproveite e o trabalho que as valorize.

E' possível que a pessoa asizada que estas palavras pronunciou não tivesse pensado bem até que ponto elas foram verdadeiras e profundas. Mas neste país desorganizado, onde as paixões se dão combate surdo, mas não se batem, é muito mais fácil uma vez por outra exprimir conceitos ponderados do que dar corpo e realidade ao que se pensa. Porque se fosse tão fácil obrar como pensar não assistiríamos ao espectáculo estranho, original que se desenrola ante os nossos olhos.

Um estrangeiro, de origem slava, que se encontra em Lisboa há alguns anos, dizia-nos há tempos, do alto de uma colina lisboeta, contemplando Tejo iluminado por uma luz delicada e branda que dava às coisas aquela expressão de ternura que é nos lábios das mulheres um puro geito de beijar:

—Este maravilhoso estuário, em mãos competentes, atraíria a Portugal todos os forasteiros de além-Atlântico. Depois, com transportes ferroviários em ordem, carreiras aéreas para o centro da Europa, hotéis decentes, a pomicultura florescente, os pontos de turismo tratados com esmero, as ruas limpas, as crianças bem educadas e as escolas técnicas montadas a valer poderia o português passar uma vida sã e deliciosa. Seis horas de trabalho por dia bastariam para fomentar e desenvolver toda a nossa riqueza que tomba do céu pelos raios fecundos do sol, que brota da terra pela exuberância da vossa vegetação incomparável.

Este slavo, oriundo de uma das repúblicas mais modernas e avançadas da Europa central, não pode evidentemente ser acusado, como os meridionais, de uma excessiva fantasia. E' apenas um homem da sua época que sente a máguia que sentiria toda a gente de bem se visse correr inutilmente para o oceano um fio líquido de ouro puro cujo produto poderia alimentar seis milhões de famintos.

Não entrou esse estrangeiro amigo no âmago do problema económico português e desconhece, portanto, que nesta maravilhosa região onde a riqueza tomba do céu e brota da terra fecunda—o proletariado não tem nada que fazer. Ele não atentou ainda que nesta terra consideravelmente rica e paradoxalmente pobre, enquanto o povo sem virilidade, ignorante e paciente morre de fome, meia dúzia de generais brincando aos golpes de Estado andam num baixo jogo de empurra, no sórdido desejo de alcançar o poder.

Sobre as ruínas de uma região fértil, que poderia ser próspera, alguns ambiciosos sem mentalidade nem competência bailam a macabra dança das suas ambições. Até quando durará o bailado? Eis uma pergunta a que talvez não fosse muito difícil responder se sobre a resposta não estivesse atenta e prestes a vibrar o seu golpe a espada impiedosa da censura.

Os aspectos precipitados e imprevisíveis da última batalha de classes na Grã-Bretanha

O balanço da greve geral inglesa teria um interesse considerável se os exemplos da história fossem atendidos pelos homens.

A greve terminou bruscamente, por ordem do conselho geral da Trade-Unions. Toda a gente, na Inglaterra e na Europa, se surpreendeu. Não se compreendia a razão que fazia cessar a greve geral, simplesmente, porque se desconhecia o estado de espírito do Conselho Geral, que se compunha de funcionários que nas Trade-Unions têm ingerência, e aos quais andam ligados J. H. Thomas e Ramsay MacDonald, leaders parlamentares do Labour Party, que, por sua vez, se opõe a todo o objectivo revolucionário. Portanto, ao declarar a greve geral, o conselho não estava animado do menor sentimento revolucionário. Em sua opinião, não ia dar-se mais que uma luta na indústria, sem qualquer carácter político. Assim o diz, repetidas vezes. Ofereceu-se para a distribuição de viveres ao público. Não queria, pois, esfomear e população, fermentar a revolução, tomar o poder político. Não poderia supor que, em dado momento, logo nos primeiros dias, a greve geral conduzir-se-ia fatalmente à revolução se ela fosse mantida até final. Os ingleses não possuem imaginação e a sua inteligência é deveras lenta. Se tivessem presenciado a deflagração da greve geral, o conselho das Trade-Unions não teria ousado proclamá-la.

No entanto, até aos últimos momentos, o conselho acreditou sempre em um compromisso provável do governo, e por isso marcou um prazo de 48 horas entre o aviso de greve geral e o abandono efectivo do trabalho.

O patronato revelava não menor inconsciência. Quiz, então, a guerra. O governo, também, era maneado por Winston Churchill, Joynton Nicks e Birkenhead. Ao mesmo tempo, o desconhecimento do conselho geral era agravado pela política dos mineiros, os quais em nada queriam transigir e firmes se mantinham nas suas posições, não resignando nenhuma das suas reclamações.

Quando os cardeais anglicanos de Canterbury e de York apresentaram um projecto de acordo-compromisso, o conselho geral das Trade-Unions acorrem como os pobres a um bode. Notemos, de passagem, que o cardeal católico Romain Bourne apoiava incondicionalmente o governo. O príncipe Romain da autoridade de tudo sabia e por completo se esqueceu.

O governo, confiando na sua vitória, recusou o projecto de compromisso oferecido pela Igreja anglicana. A-pesar de tudo, a cessão da greve geral foi o reconhecimento, pelo próprio conselho, da sua própria derrota. O conselho assim determinou quando o presidente da comissão de minas, o sr. Samuel, apresentou um compromisso menos vantajoso para os operários que o dos cardeais.

A ordem da greve geral foi retirada, deixando os mineiros sem apoio, em plena greve, para negociar com os proprietários, embora com a solidariedade das Trade-Unions. Esta é a situação actual, se bem que num ou noutro ponto se mostrem ainda várias greves locais de ferroviários ou de dockers que são resíduos da grande greve.

Porque retirou o conselho geral das Trade-Unions a sua declaração de greve geral? Eis o que é preciso, usar descrever. Retirou-a porque a greve trazia consequências revolucionárias que de nenhuma forma queria aceitar. A greve não fora um fra-

casso; o entusiasmo dos grevistas não afrouxava. Se não levantasse a declaração da greve geral, teria de levar para a frente de batalha as forças que se designavam «de segunda linha». Eram os metalúrgicos, os electricistas, os correios e os gazomistas. Então, não haveria mais luz, nem correspondência, nem telegrapho, nem telefones.

Todos os centros industriais estavam isolados da capital, e em cada centro também isolado, e em cada cidade de operários, o comité de greve era um poder antagónico do poder governamental. Cada comité tornara-se, por força dos acontecimentos, um soviete revolucionário.

O governo não tinha forças que pudessem suplantir os cinco milhões de operários em luta, pois não contava com mais de trezentos a quatrocentos mil soldados e polícias. Teria de travar luta, que se tornaria desordenada intensa, cós, não se sabia o que mais—e, então, o conselho geral das Trade-Unions teve medo.

Teve medo das consequências e também o teve do governo. E ao governo não faltava, porém a audácia: ele firmou, clamou, a sua certeza de vencer, a sua vontade de obrigar os operários à capitulação.

Não recuaria diante de ninguém! Fez que os seus juízes declarassem a ilegalidade da greve geral; fez embargar os subsídios que vinham do estrangeiro para os operários; fez que os bancos recusassem as Trade-Unions o levantamento dos depósitos que lhes pertenciam; fez apreender todo o papel dos jornais, a fim de que não se pudessem publicar o British Worker; ameaçou prender e perseguir todo o conselho geral das Trade-Unions; fez prender e condenar todos os grevistas que não puderam furtar-se à perseguição; obrigou operários desempregados, que recebiam subsídio de renda de casa, ao papel de amarelos; deu aos voluntários o duplo papel de fura-greves e polícias, não conseguindo reunir mais que 500 mil.

E toda a burguesia se confundiu com os intelectuais de Oxford e de outras universidades. Constate-se, todavia, que esta atitude dos «intelectuais britânicos» lança sobre os actos do bolxevismo, combatendo os intelectuais russos, desde 1918 a 1923, uma luz tão forte que se compreende agora o que antes se não compreendia.

O governo inglês completou toda esta mise-en-scene com o emprego de autos blindados, de tropas, etc., sobretudo, nas ruas de Londres. Tudo se fez com natural legalidade, pois que a emergency act legalizava todas as ilegalidades habituais. Os capitalistas orientavam. Os dirigentes das Trade-Unions curvavam-se, passavam o pé. Certo que, em sua defesa, se poderia dizer que estavam exaustos por semanas de negociações vãs, noite e dia, sem se falar das suas necessidades de funcionários das próprias Trade-Unions. O inglês médio é sanguineo, não é nervoso; não resiste à fadiga, muito menos à fadiga intelectual, que o vítima depressa, dada a sua lenta compreensão. E se os jornais faltam, logo os chefes trabalhistas não sabem que pensar, salvo aqueles que vivem entre ministros, entre os leaders parlamentares trabalhistas e as comissões de grevistas.

A ala esquerda do Trade-Unionismo, os comunistas, não possuem qualquer meio de fazer conhecer a sua opinião, visto que lhes faltava imprensa. Era-lhes interdito demonstrar o interesse, as consequências e a filosofia da greve. Os leaders parlamentares

Notas & Comentários

Infelicidade política

O movimento militar foi uma bomba que caiu nesse estranho e contraditório partido radical—estilhaçando a sua organização.

O Directório pensa dum modo, as comissões políticas dividem-se nas mais estranhas e divergentes atitudes, umas apoiam, outras atacam a situação, ao passo que outras não atacam, nem defendem, mantêm-se na expectativa.

Agora surge uma nota do partido radical do Porto que não publicamos por ser de apoio ao general Gomes da Costa—e este já ter sido destituído, sem tiros, da presidência do ministério e da residência em Belém. Aquele partido prova assim a sua rara infelicidade política, pois nem mesmo alentando contra as suas doutrinas, consegue conjugar com éxito o verbo apoiar.

A' chinês

Estas desavenças entre os militares dão-se sempre num grande tom de cordialidade. «V. Ex.ª está preso. Onde quer que o conduza?» «Ora essa, meu bom amigo, irei para onde V. Ex.ª quiser». «Ora, ora por quem é...» queria escolher: quartel do Carmo, fragata D. Fernando, Bussaco, Pedras Salgadas ou cidade de Cascais? Há hesitações. Tanto o general vencedor como o vencido se empenham em bater-se pela amabilidade—uma amabilidade requintada, plena de mesuras, quasi chinesa. E por isso que há quem afirme que Portugal passou à categoria internacional de China do ocidente. Como na China oriental, também por cá existem delicadezas e generais inimigos. Faltam apenas as batalhas...

Uma opinião

Transcrevemos, sem que nos caiba comentar, a seguinte local intermeada na reportagem do Diário de Lisboa, acerca dos acontecimentos:

«De regresso de Queluz, encontramos o tenente Pereira de Carvalho. O infantilizador organizador do movimento militar de 28 de Maio vestia à paisana. O seu rosto enérgico reflectia certa tristeza.

Onde estava D. Martinho?

D. Martinho Nobre de Melo, fidalgo de alta estirpe, era ministro dos negócios estrangeiros quando as hostes de Carmona se movimentavam. D. Martinho tem o heroísmo no sangue e um grande sonho na alma. Chefe de acção na Cruzada Nun'Alvares, ansiava pela glória do famoso condestável.

Avançava Carmona sobre Belém. Era a hora do triunfo de D. Martinho, era o momento de dar a Portugal um novo e heróico condestável. E assim o compreenderam os amigos de D. Martinho.

Foram a sua casa. Bateram à porta. E uma criada risonha, prometedora, informou:

—O menino Martinho?... Ah! Então, não está no ministério? Ide ao Terreiro do Paço...

Desceram os ousados sonhadores da glória de D. Martinho ao Terreiro do Paço, onde, nas eras distantes, cada cavaleiro se batia, em torneio de honra, por sua dama.

—O sr. Martinho? —estrANHou o continuo, mal disperso, ainda. —Foi para Belém, a cavalo... E ouvi dizer que por lá se bateria.

E bateram os amigos de D. Martinho para Belém. Mas, aí Belém parece fio



—Eis o que fica da minha obra de salvação da Pátria!

grande que D. Martinho não foi achado. Nem no palácio, nem na praça.

Angustiado pelo fadário de D. Martinho, se foram os seus amigos a perguntar por ele aos jornalistas que são hoje o que no tempo do glorioso condestável eram os cronistas. E os nossos cronistas assim responderam:

—D. Martinho?... Parece que foi à Serra.

Em Monsanto, porém, não estava D. Martinho. Teria chegado, emfim, mercê de qualquer prodigioso esforço, ao seu ministério? Mas, lá, não se encontrava, segundo o informe do confínuo de lá pouco:

—D. Martinho entrincheirou-se em sua casa...

E quando os amigos dedicados chegaram

a casa de D. Martinho, a criada, na sua função anunciadora, demonstrou que o «senhor menino» não estava. Ante a inquieta e mutua interrogação, a criada teve um sobressalto:

—Querem ver que se perdeu? Ail o que irá acontecer nesta casa...

Voltaram os amigos do futuro condestável à rua, onde já se vendiam os jornais, que são como as crónicas que se publicavam na idade média, as quais noticiavam, entre outras novas de sensação, que D. Martinho Nobre de Melo já não era ministro e toda a cidade inquiria, aterrorizada, da sua preciosa vida.

D. Martinho? Onde se fóra D. Martinho Nobre de Melo?

A redacção de *A Revolução Nacional* enviou-nos o seguinte comunicado:

«Quando o administrador deste diário — defensor do pensamento que orientou a revolução de 28 de Maio — se dirigiu ao Quartel do Carmo com as provas de página para a Comissão de censura, foi-lhe notificado pelo sr. coronel Prata Dias, presidente da aludida comissão, que o sr. general Carmona, presidente do ministério, não permitia a saída de *A Revolução Nacional*, e que ele, coronel Prata Dias, enquanto estivesse exercendo o cargo de censor, por forma alguma daria licença para tal publicação. Isto, é claro, a-pesar-de haver uma lei de imprensa e de os jornais estarem sujeitos a censura prévia.

Comunicando o caso, pedimos a fineza de, no seu jornal, tornar público, que perante isto não houve excepção de conduta; *A Revolução Nacional* — órgão da revolução militar — não se deixou intimidar por uma suspensão de 28 de Maio: se vê forçada a suspender a sua publicação até melhores dias...

Sem deixar de afirmar o antagonismo das nossas ideias com as ideias defendidas pelo jornal suprimido, e sem nos animar o menor tom de faceta, antes com sincera indignação, associamo-nos ao protesto levantado pela redacção de *A Revolução Nacional*.

As ideias que este jornal defendia merecem sempre, continuaria merecendo — e, se vez alguma recata a sua publicação, continuaria merecendo — a nossa viva oposição. Só a brusca e inútil supressão do jornal consegue que corremos a controvérsia que vinhamos mantendo.

A redacção de *A Revolução Nacional* testemunha o mesmo sentimento de protesto e indignação que teríamos se essa medida odiosa nos atingisse.

Não é suprimir violentamente um jornal que se supprime uma corrente de opinião. Essa opinião revive, a-pesar-de tudo, e só a existência de muitos órgãos de opinião, entre si controversos, pode garantir a natural eclosão de todas as correntes, o consequente equilíbrio mental dos homens e das sociedades.

Não sabemos se se iniciou uma era mais violenta de perseguição à imprensa. Ainda que a nossa voz seja abafada nas perseguições que se desencadeiam, nunca deixaremos de protestar contra todos os atentados à liberdade de pensamento e de expressão. O silêncio, se nos for imposto, bem mais eloquentemente e expressivo será do que todas as manifestações ruidosas. Protestamos, pois, contra a violenta supressão de *A Revolução Nacional*.

Os funcionários do Município ainda não receberam os vencimentos de Junho

Têm andado os funcionários da Câmara Municipal de Lisboa muito descontentes, e começa já a germinar uma certa revolta, aliás justificada, pois que até à data ainda não foram pagos os seus vencimentos relativos do passado mês de Junho.

Todos os dias que passam se diz que nos seguintes dias é feito o pagamento de forma que os funcionários, não só de serviços externos como os que fazem serviço nas repartições que estão afastados do edifício do Pelourinho, se vêm na necessidade de andarem atrás do tesoureiro como dos pagadores, respondendo estes muitas vezes duma forma pouco correcta.

Isto só representa por parte dos funcionários da Câmara uma falta dos seus deveres porque se todos se compenetrassem desses deveres não andariam esmolando em redor do tesoureiro e pagadores porque estes também são empregados da mesma Câmara.

Tudo isto se acabava se todos os funcionários se organizassem no seu verdadeiro Sindicato como o fizeram os funcionários do Estado, que devido à sua boa organização, têm alcançado do mesmo Estado muitas regalias.

Mais ainda poderíamos fazer com que os pagadores fossem fazer os pagamentos às respectivas repartições como o fazem os operários, pagando a estes nos respectivos distritos. Porque não bate certo que empregados que estão muito longe da tesouraria da Câmara, sejam deslocados para receberem os seus vencimentos com prejuízo muitas vezes do respectivo público.

Tudo isto seria resolvido e muitas outras regalias a reclamar se dentro da Câmara houvesse o verdadeiro espírito associativo o que aliás infelizmente não existe.

E. P. C.

Trindade

HOJE
A's 9h14 da noite

O HILARIANTE
PATRIOTA

comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira — Encenação da professora Lucinda Simões.

Nos primários papeis os artistas:
Amélia Pereira, Erico Braga, Dinah Stichini, Joaquim de Almada, Irene Isidro, Samuel Diniz, Seixas Pereira e Mário Santos.

Trabalhistas estavam em franca oposição à greve, podendo afirmar-se, sem receio de desmentido, que a capitulação dos chefes das Trade-Unions se deve, principalmente, aos esforços de Ramsay MacDonald e de J. H. Thomas.

O conselho geral das Trade-Unions foi, por esta forma, manobrado exteriormente pelos parlamentares, e, depois de calcular as suas perdas, decidiu-se a suspender a batalha, esperando que no futuro recuperasse o que, moral e materialmente haviam perdido.

A quanto se elevam as perdas materiais da greve geral? Não estão ainda descreminadas e não poderão sê-lo tão depressa.

O patronato e o governo não querem confessar as suas perdas. Após a vitória, o bluff continua! É provável que as perdas ultrapassem uma centena de milhões de libras esterlinas. Tal é o balanço da greve geral britânica.

Ecos das festas da Rainha Santa em Coimbra

Uma proibição do governador civil, às ordens do bispo-conde, que origina conflito

COIMBRA, 10. — Noticiou ontem *A Batalha* a proibição emanada do governador civil da vinda a Coimbra da banda de música do Troviscal, excomulgada, há anos, pelo bispo-conde de Coimbra.

Esta resolução, que foi notificada à comissão de festejos, provocou no público um frémito de indignação.

Profetizavam-se sérios conflitos para a última hora.

Ontem à tarde, a despeito da proibição do governador civil, dr. sr. Vieira Coelho, chegou a Coimbra, a convite da gerência do Coliseu de Coimbra, para tocar nas touradas exclusivamente, a aludida filarmónica do Troviscal.

Como era natural, preparou-se-lhe uma recepção, que foi ordeira e em que tomou parte grande número de liberais soltando vozes à República e morras à Reação.

A banda, tendo embora conhecimento da inexistência da proibição do chefe do distrito, percorreu, tocando, nas ruas citadinas. Entretanto, uma comissão composta por quinze dos mais categorizados elementos liberais desta cidade — entre eles destacamos os srs. Floro Henriques e David Agria, jornalistas, António de Oliveira e maiores Barnabé Ferreira e Alcides de Oliveira — dirigiram-se ao governador civil, a procurar demover a autoridade superior do distrito da resolução tomada. Fizeram-lhe ponderar as graves consequências que da sua atitude poderiam advir, sem benefícios para o prestígio da autoridade.

O governador civil respondeu que tinha tomado com o sr. bispo-conde um compromisso de honra, que por nada trairia.

Pois, então, não fique mal com o sr. bispo-conde. Ficará, já que o prefere, de mal com a opinião liberal! — respondeu-lhe, saindo, a comissão, vendo baldadas as suas demarches.

Com o governador civil ficou, a pedido deste, para, particularmente conversarem, o major sr. Barnabé Ferreira. Este acedeu e ficou aguardando. A comissão debandou. Um vulto negro, o prior dos Olivais — que provavelmente, escutara dos bastidores os desejos da comissão — surgiu inesperadamente, espalmon nas costas do major Barnabé Ferreira as largas manoplas, e falou ao major, irónico e triunfante:

— Espere, senhor, um bocadinho! Não vá ainda, que leva já a resposta!

O major, espantado, exprimiu ao mesmo tempo a sua indignação pelo atrevimento do sotaque, dirigindo-se-lhe, sem o conhecer. E, sem poder calar a sua irritação, dispunha-se a ajustar contas, cá fora, com o prior dos Olivais, o que foi, prudentemente, evitado por alguém, à saída.

De seguida, na presença do sr. major e subscritura à este, disse, alto, o missionário de Cristo e delegado do bispo:

— O sr. bispo-conde manda-lhe dizer que mantém a sua resolução. Se a filarmónica do Troviscal for permitido tocar, o sr. bispo-conde ordenará a suspensão dos festejos religiosos.

A comissão que tentara entender-se com o governador civil encontrou, no regresso, a filarmónica heresia executando no largo Miguel Bombarda a «Portuguesa» e grande número de liberais a ovacioná-la e a soltar vivas à República e morras ao clericalismo. O comissário da polícia procurava impedir esta manifestação.

Alguns elementos da comissão interrogaram, então, telefonicamente, o governador civil sobre se persistia na sua atitude, respondendo-lhe aquela autoridade que, em frente do ultimatum do bispo-conde, se declarava desligado do compromisso que com ele tomara, e, por tal motivo, podia a banda executar. Partiu, imediatamente, a comissão a dar conta à filarmónica e ao comissário de polícia daquilo que ouviam.

O comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquedamente ferido na cabeça por meio duma ferradura da G. N. R. arreemada por um popular. Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomulgada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

Estes foram, hoje de madrugada, forças a tomar o comboio e a regressar à sua terra. O regente ficou aqui detido, incomunicável. A hora que escrevemos estamos informados de que regressaram a esta cidade, desferidos, os músicos do Troviscal, que veem manifestar a sua solidariedade ao regente.

Fomos informados também de que, à última hora, se reuniram os oficiais da guarnição de Coimbra, para tratar do assunto, tendo expedido para Lisboa um telegrama em que se pedia a destituição do cargo de chefe do distrito do sr. Vieira Coelho.

O propagandista anti-clerical e colaborador de *A Batalha*, professor Tomás da Fonseca, ao saber da incomunicabilidade do regente da filarmónica e da arbitrariedade praticada pelo governador civil, apresentou-se hoje, no Governo Civil, oferecendo-se espontaneamente a prisão, por solidariedade com o regente.

Correm insistentes boatos de próximos e graves acontecimentos. — C.

BICICLETAS

ELGIN
THOWARM
CHANDLER
RALEIGH

As melhores e mais acreditadas
marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.^a

Rua do Crucifixo, 118 a 124
LISBOA

As ideias comunistas dos primitivos cristãos

Segundo os «Actos dos Apóstolos» os primitivos cristãos punham em prática entre si a máxima comunista de «cada um segundo as suas necessidades».

Assim, no capítulo II dos referidos Actos, diz-se o seguinte:

«N.º 45. E vendiam suas possessões e as fazendas, e com todos as repartiam, como cada um havia mister.»

E no capítulo IV:

«N.º 32. E da multidão dos que haviam crido, era um coração e uma alma; e ninguém dizia ser seu alguma coisa do que possuíam, mas todas as cousas lhes eram comuns.»

«N.º 34. Porque nenhum necessitado havia entre eles; porquanto todos os que possuíam herdades, ou casas, vendendo-as, traziam o preço do vendido, e depositavam-no aos pés dos apóstolos.»

«N.º 3. E a cada um se repartia segundo suas necessidades.»

E é sem dúvida por respeito a esta doutrina que nós vemos às portas das igrejas cristãs mendigos sujos e esfarrapados estendendo a mão aos anafados clérigos e às luxuosas damas que se vão ajoelhar aos pés daquele Cristo que, segundo eles, se deixou morrer para redimir a humanidade!

Uma grande conquista de trabalhadores

CHICAGO, 10. — A União dos tipógrafos judeus conseguiu o dia de trabalho de seis horas, só trabalhando durante a noite quatro horas e meia. Também conseguiram um salário mínimo de setenta e dois dólares, por semana, até ao dia 1.º de outubro próximo.

Congresso do Ramo de Alimentação

A comissão organizadora do congresso dos Operários do Ramo da Alimentação Pública, reúne amanhã pelas 17 horas para apreciar algumas teses enviadas pelos sindicatos da província.

Em virtude da importância do assunto é indispensável a comparência de todos os componentes.

Impressores Tipográficos

Convidam-se os componentes da classe que se encontram desempregados, a avistarem-se com os componentes da direcção do Sindicato, a fim de serem colocados.

Embora se reserve o direito de preferência aos impressores associados, os não associados também serão atendidos na medida das possibilidades.

TEATRO AVENIDA
Telef. 11.4356

A SENSACIONAL PEÇA
O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

Um ciclone devastador

CHICAGO, 10. — Um ciclone que passou sobre o porto de Bontou, causou algumas mortes, feridos e numerosos estragos materiais. — H.

OS QUE MORREM

José dos Santos Pereira

Na sua residência, rua Tomás da Anunciação, 24-3.º-E., faleceu ontem José dos Santos Pereira, fabricante de calçado. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, para o cemitério da Ajuda.

2.000 pessoas mortas pelo cólera

CALCUTA, 10. — Está tomando proporções assustadoras em toda a Índia, a epidemia do cólera. Faleceram já 2.000 pessoas.

Câmara dissolvida

A Câmara Municipal da Chamusca enviou um grande número de telegramas a todas as entidades predominantes na actual situação política um protesto contra a dissolução que considera uma violência. Recebemos também, além da cópia dos referidos telegramas, um protesto que não publicamos visto ser fundamentado nas mesmas razões de que publicamos da dissolução vereação lisboeta.

Colhido por um comboio

Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, em estado grave, Manuel Fernandes, 25 anos, carpinteiro, residente na Alameda de Paio Pires, que entre o Barreiro e o Seixal foi colhido e arreemado ao rio por um comboio, ficando muito ferido na cabeça e com várias contusões pelo corpo.

DESPORTOS

Grupo Desportivo Eden

Realizam-se hoje as festas do 1.º aniversário deste grupo com o seguinte programa: 1.ª parte: Desafio entre o Marítimo Foot-ball Lisboa Amarelos e Foot-ball Club, para disputa de um bronze. 2.ª parte: Grupo Desportivo Eden com Frequentes de Teatro para disputa da Taça Maria de Lourdes Cabral.

Entre os dois primeiros grupos disputar-se-á também uma taça por meio de votos. Estes encontros têm lugar no Campo da Sociedade Industrial Aliança.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Retoizos, 123 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha»

A semana de 40 horas

NOVA-YORK. — Os doze mil operários da indústria das peles de Nova York terminaram com vitória a greve que tinham declarado havia quatro meses.

Conseguiram a semana de 40 horas de trabalho que tão necessária é para a protecção da sua saúde, e dez dias de férias por ano, sendo sete desses dias pagos pelos patrões, integralmente. Além disso obtiveram um aumento de 10% sobre os salários mínimos, e uma nova classificação do trabalho, que fará com que os salários de muitas categorias de operários sejam também aumentados por este lado.

Como se vê as medidas repressivas, as expulsões e todos os meios violentos de que se tem utilizado a feroz burguesia «yankee» para combater as reivindicações da classe operária de nada lhes tem servido, porque, as condições de vida por ela próprias criadas aos trabalhadores leva-os fatalmente à revolta, a-pesar-de todos os obstáculos e de todas as dificuldades, que lhes possam levantar.

Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo, recolhendo em seguida ao hospital de São José, em cujo banco faleceu pouco tempo depois de ali ter dado entrada, António Fernandes, de 46 anos, trabalhador, residente no Casal Ventoso de Baixo, 158, que, na doca de Alcântara, ficou enlaidado entre as bombas de duas vaguetas, recebendo grandes lesões internas.

No banco do hospital de São José, recebeu curativo e seguiu para casa António Fernandes Nunes, de 30 anos, natural de São Tiago do Cacém, funcionário público, residente na rua Morais Soares, 67, 5.º, que, na estrada de Sintra, foi atropelado por um automóvel, ficando com várias contusões pelo corpo.

Na enfermaria de São Sebastião do hospital de São José recolheu Félix da Silva, de 60 anos, jornalista, natural e residente no Casal da Charneca, freguesia Benedita, concelho de Alcobaca, o qual quando preparava um tiro, numa pedreira daquela localidade, o dinamite explodiu inesperadamente, tendo o Silva sido atingido por vários fragmentos de pedra no rosto e nos olhos.

Na enfermaria 9, do hospital de São José, deu entrada António Barra, 57 anos, patrão da Alfândega de Lisboa, rua do Embaixador, 104, que caiu da ponte da Alfândega ao rio.

Deu entrada Morgue o cadáver duma mulher que, numa taberna que possuía na rua do Grilo, ao Beato, foi morta com um tiro na cabeça.

Na enfermaria n.º 3 do Hospital de Arroios deu entrada João Rafael, de 54 anos, jornalista, natural de Valongo e ali residente e que nas minas de São Pedro da Cova, Valongo, foi colhido por um ferro ficando ferido na cabeça.

A Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu António, de cor preta, de 26 anos, trabalhador, natural de Loanda e residente no Murcical, Colares o qual quando ali examinava uma pistola, a arma disparou-se indo o projectil, alojá-lo-se-lhe no peito.

No posto da Cruz Vermelha, do Calvário, foi pensado e recolhido a casa, José Joaquim Silva, sapateiro, residente na rua Feliciano de Sousa, 53, o qual quando seguia pela rua onde mora, foi atingido por um vaso de flores que caiu duma janela, ficando ferido na cabeça.

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e foi para casa, Manuel Pinto, de 18 anos, servente, rua da Condessa, 10.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de *A Batalha*.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto. — Hoje matineie dançante e à noite baile. **Leais Amigos.** — Prosseguem hoje os festejos, realizando-se o «pic-nic» na Quinta da Fonte, em Bemfica. A partida é às 7 horas da Estação do Rossio. À noite haverá baillena sede.

Recreio Operário Portugal. — Hoje, às 21,30, baile.

Grupo União de Vilar Seco. — Reúne-se a assembleia geral, hoje, pelas 14 horas, na rua do Bemfornoso, 50, 1.º, a fim de serem apreciados todos os assuntos respeitantes à excursão a realizar a Vilar Seco, no próximo mês de Agosto.

Comando Geral de Artilharia. — Hoje, grandiosa «soirée» para abertura do campeonato das três damas.

Jardim Zoológico

Neste elegante jardim continuam hoje em exposição diversos animais raros. Haverá também «chá-dancing» e almoços.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Pessoal do Arsenal do Exército. — Reúne-se, na próxima quarta-feira, pelas 20 horas, a assembleia geral.

Liga das Associações de Socorros Mútuos. — Reúne-se a assembleia geral, amanhã, pelas 20 horas, no edifício do Amparo, à Mouraria.

Uma empresa de «malas-artes»

A Empresa Belas Artes está construindo na rua Carvalho Araújo, ao Alto do Pina, uns prédios baratos que se destinam à habitação. Como é costume nesta terra entende-se por barato o que é simplesmente mau.

Nessas construções empresa a referida empresa u na terra amassada a que dá o pomposo nome de cimento armado. Examinamos hoje essa espécie de cimento que se esborroa entre os dedos, o que indica que ao primeiro sopro de vento da primeira invernia as construções baratas podem abater. E embora o material seja leve será, entretanto, suficientemente pesado para esmagar os moradores.

Os operários chamaram várias vezes a atenção da Empresa de Belas Artes, de Luís Esteves de Carvalho, Limitada, para o péssimo material empregado. E parece que esse gesto provocou a infâmia que ontem se cometeu: A empresa despediu todo o pessoal, ficando-lhe a dever um dia de salário.

Daqui se infere, portanto, que esta Empresa de Belas Artes, que faz tão perigosas construções e trata por tal forma o operário, não passa duma empresa de... malas-artes.

Os males da preguiça

A vida do que trabalha é muito diferente, em quantidade e realidade substancial, da do ocioso. A ociosidade quotidiana tira-nos o sentimento da nossa existência e substitui-a por um sonho vazio e desprezível. Só o trabalho alegre, tranquilo e fecundo pode dar à vida todo o seu sabor. Esse sentimento tão cheio, que se chama «sentir-se viver», só o trabalho o pode regularizar e tornar habitual; decuplica a alegria de viver, que o preguiçoso ignora...

O preguiçoso é um carrasco de si mesmo, e a ociosidade do espírito e do corpo não tarda em gerar um peso, um doloroso aborrecimento. Muitas criaturas ricas, isentas pela riqueza da salutar necessidade do trabalho, e não tendo a coragem de emprender qualquer tarefa durável, não tardam a sentir esse peso e doloroso aborrecimento. Caem no spleen, arrastam o seu tédio por toda a parte, ou então procuram nos prazeres sensuais uma distração que não tarda, pela saciedade, a redobrar o seu sofrimento.

Quando o espírito não tem ocupações elevadas, não tarda que seja invadido por preocupações mesquinhas. Quem nada faz tem tempo para mastigar e remastigar as suas mínimas contrariedades. Essa ruminação, longe de alimentar o espírito, arruína-o. A força dos sentimentos não canalizada, não podendo derramar-se nas altas regiões da nossa natureza para os fertilizar, espalha-se nos baixos da animalidade e aí se corrompe. As imperceptíveis feridas do amor próprio exacerbam-se, as contrariedades inevitáveis da vida envenenam os dias e perturbam o sono.

Examinado de perto, o repouso do rico não tem nada de invejável! Os próprios prazeres se tornam maçados; perdem todo o sabor excitante, porque para o homem o prazer é inseparável da actividade. A preguiça reflecte-se até sobre o corpo, e tende a esgotar a saúde pela apatia, pela mollezza que infiltra nas funções de nutrição e de relação.

Quanto à inteligência, os seus caracteres nesse estado são o vago, e a preocupação é estéril e fatigante. O espírito devora-se, segundo a energética expressão popular. Quanto à vontade, quasi que não vale a pena lembrar com que terrível prontidão ela se atrofia no homem ocioso: todo o esforço se lhe torna doloroso, de tal modo que consegue achar meio de sofrer onde o homem activo nem sequer suspeita da possibilidade do sofrimento.

Júlio PAYOT.

(A educação da vontade)

O Asilo Maria Pia novamente em foco

Recebemos a carta que passamos a publicar:

Sr. director de *A Batalha*. — Encarecimos, pedimos a v. para chamar a atenção de quem de direito para o facto de haver no Asilo Maria Pia de Xabregas um prefeito geral de nome Monte-Alvense que está praticando actos verdadeiramente condenáveis.

Este indivíduo fere e persegue, injustamente, os humildes funcionários e os próprios alunos ali internados. Estes são submetidos a grandes rigores e violências, sendo considerado um grande delito o facto de os alunos conversarem uns com os outros, sem prejuízo da disciplina. Este indivíduo chegou até a ordenar que os alunos mais velhos agredissem os mais novos!

Quanto à maneira como são tratados os funcionários basta que lhe diga que os insulta com os nomes mais torpes e obscenos e que os desafia para jogar à pancada. Foi o sr. Lino Gameiro quem mandou para cá semelhante funcionário, mas fazemos justiça ao provedor da Assistência: ele não deu ordens que permitam ao energúmeno Monte-Alvense cometer as violências que acima descrevemos.

De v., etc. — Um funcionário do Asilo Maria Pia.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

DE —

2.ª Edição — Escudos 8500

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

Torneiro de madeira

Meio oficial, precisa-se. Escadilhas das Olarias n.º 5, pátio.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

Dentro de breves dias o teatro Apolo reata os seus espectáculos, com um repertório ligeiro, acastadamente cómico. Todos os apreciáveis elementos que a companhia ostenta no seu elenco, terão papeis a caracter, por forma a dar uma interpretação agradável a todas as peças. A peça de estreia é a «Casa de Suzana», enfiante comédia, irreverente e dum grande burlesco. Seguir-se-hão outras peças de não menos interesse. O director artístico da Companhia é o actor João Calazans, e os artistas constituirão uma sociedade artística.

— Reabre as suas portas, na próxima terça-feira, o teatro Salão Foz, com a estreia da interessante série de quadros de conjunto «Malmequer», que será interpretada por Adeline Fernandes, Maria Laura, Teresa Gomes, Beatriz Costa, Maria Bernard, Alvaro Pereira, Alvaro de Almeida, José Vitor, Guilherme Cauppers e 12 segundas tiples, estando também contratada uma notável «completista» espanhola.

Reclames

— Ao contrário do que o título dá a entender, na peça «Três meninas... nuas!» em ensaio no Gimmásio, não se trata de três meninas que são nuas, por não trazerem «toilettes» de passeio ou «soirée». Essa é uma das surpreendentes novidades que reserva ao público o entrecho da peça.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-malthusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos a *A BATALHA*



Prossegue a revelação dos escândalos praticados pelos abutres que roubaram os depositantes do Banco Comercial do Porto

PORTO, 9.—Enquanto no ambiente confuso da política militar mais se acastelam as nuvens das surpresas, falar mais uma vez da burla do Banco Comercial do Porto, não faz diferença. É até de uma salutar necessidade.

Seja dito em primeira plana, que os magnates burlistas que puseram aquele estabelecimento bancário à dependência, arreliados pelo que aqui temos estampado, em abono da sua honorabilidade "etheladina" reconhecida, tentaram vedar a entrada no Banco ao nosso detective. Para isso forjaram umas calúnias—calúnias, aliás, que cairam por si mesmas, pela base. Era também intuito deles espalhar a desconfiança entre os restantes possuidores de promissórias e de depositantes de dinheiro à ordem... do saque dos Marques de Sá e dos Pombos.

Com isso apenas conseguiram que numa reunião de credores do Banco fosse aprovado um documento no qual se protesta energicamente contra as vilanias e artimanhas dos saqueadores do Banco Comercial do Porto, e se reitera a confiança ao nosso detective, aconselhando-o a que prossiga, sem desalencamentos, na sua investigação aos crimes cometidos contra a integridade dos dinheiros que foram confiados à guarda do referido Banco.

É mercê dessa acção, que hoje vamos dar à publicidade as cópias de uma escritura de hipoteca ao tal Pombo e de uma carta enviada sobre o assunto pela Casa Bancária do Porto, Lda, do Rio de Janeiro. Principios pela primeira.

«Que por contrato de vinte e cinco de abril deste ano de 1925, o Banco Comercial do Porto, por intermédio da sua Filial de Lisboa, garantiu um empréstimo de mil e quatrocentos contos que lhe havia sido feito pelo segundo outorgante Alberto Miranda Pombal e mulher D. Ana Figueiredo de Miranda Pombal, por meio de penhor mercantil constituído sobre quinhentas ações de Fomento, de 5%, do valor nominal de um conto de reis brasileiros cada uma, e 600 ações da Companhia das Docas de Santos, do valor nominal de duzentos mil reis brasileiros cada uma, que se acham na Casa Bancária do Porto, Lda, do Rio de Janeiro, e que foram transferidas para os nomes do segundo outorgante e mulher por ordem telegráfica dada pelo Banco Comercial do Porto, com expressa autorização do seu Conselho Fiscal com data de 6 de maio próximo passado, disposição esta que foi confirmada pela Casa Bancária do Porto, Lda, do Rio de Janeiro, ao mesmo segundo outorgante e mulher por carta e telegrama de oito e vinte e cinco do mesmo mês de maio.»

«Leram? Pois agora vamos ver até que ponto está a verdade daquela trapalhada de transferências e de saque.»

Vejam, portanto, o capítulo—Apólice que garantiam as operações dos antigos cinco correspondentes desse Banco—uma carta que a Casa Bancária do Porto, Limitada, do Rio de Janeiro, enviou, em 3 de julho de 1925, ao Banco Comercial do Porto:

«E' do conhecimento dessa Direcção, dito por nós, que é possível, mas problemática, a possibilidade de libertar 23 dessas apólices, mas também é possível que a Inspectoria dos Bancos mande reforçar o depósito de garantia desta sociedade; e se tal suceder, claro está que quem tem que efectuar esse depósito é o Banco.

«Quando, porém, ainda se encontra em expediente e bastante demorado, o processo desse levantamento, que não sabemos ainda quando se conseguirá, já essa direcção mandou transferir para a Filial de Lisboa a totalidade de 500 apólices juntamente com as 600 ações das Docas de Santos, e a Filial transmitiu por sua vez para o nome de Alberto Miranda Pombal e sua esposa.

«Mas como é possível transferir-se estas apólices, se ainda não temos a certeza de as poder libertar?

«Disse facto, já ocasionou uma troca de correspondência desagradável com a Filial de Lisboa e, francamente, no caso de se não poder obter a libertação daquelas apólices, desviámo-nos de nós toda e qualquer responsabilidade, pois prevemos até, e com sentimento llo afirmamos, que o Banco corre o risco de ter de comprar ainda igual número de apólices para as entregar à terceira pessoa a quem as pretende transferir e essa responsabilidade não é nossa e dela nós desviámo-nos em absoluto.»

«E' preciso dizer-se que se diz que esse Pombal é uma cobertura de um tal Eduardo John, administrador da Filial de Lisboa. E o nosso detective confirma-o, como vamos já ver. Também se garante que a questão do empréstimo é uma grande leria. De que se conclui tudo isto? É o nosso informador que tem agora a palavra:

«Conclui-se de tudo isto que, nem podiam ter confirmado a transferência para o nome de Miranda Pombal e mulher, como também elas não cautionavam o empréstimo desse cavaleiro, porque estavam a servir de caução às operações do Banco, e o Governo do Brasil, ou a Inspectoria dos Bancos, não consentiria que o Banco pudesse funcionar sem uma caução.

«Mas há mais: O Banco já mais pediu empréstimo ao sr. Pombal, sócio e amigo do tal sr. John; pediu à sua filial uns supramentos. Ora o sr. Pombal, se alguma garantia tinha, foi-lhe dada por o mesmo John, seu sócio e amigo. Um e outro o mesmo corpo...»

«Que provém, de que capazes, com documentos, em como foi a Direcção que lhe deu essas garantias—porque por cá também há com que se lhes responda.»

Luis da Silva Viegas, delegado do governo, perguntou na última assembleia geral do Banco: «Quem disse a v. ex. que o Comissário do Governo autorizaria essas alienações?»

Para provar a incorruptibilidade de tal Comissário, que tão disposto se mostrava a não consentir alienações ruinsas, o nosso detective apresenta-nos este documento:

«Atendendo a que a Inspectoria dos Bancos do Brasil confiscaria os títulos brasileiros que garantem o empréstimo de mil e quatrocentos contos feito por Alberto Miranda Pombal, a fim de assegurar o pagamento dos saques emitidos pela Casa Bancária do Porto, Limitada, do Rio de Janeiro, e das suas Filiais em Santos, São Paulo,

Pará e Manaus, contra o Banco Comercial do Porto, de cuja cobertura este Banco dispõe para acudir a outros encargos inadmissíveis, autorizo a que sobre os prédios do Banco em Lisboa e no Porto se constitua em empréstimo com hipoteca a favor de Alberto Miranda Pombal ou de terceira entidade, a fim de libertar os referidos títulos brasileiros, por não resultar deste acto qualquer agravamento na situação do Banco Comercial do Porto, perante os seus credores, a qual pode até melhorar sensivelmente.—Lisboa, 24 de Setembro de 1925. (assinado) Luis da Silva Viegas.»

A prova mais evidente de que o Banco Comercial do Porto melhorou sensivelmente e de que os credores das promissórias e do dinheiro à ordem não foram agravados, está no facto simplíssimo de que os prédios, até então livres e desonerados, estão agora sob privilegiada hipoteca...

«Por quem? Pela anterior direcção? Que responda por nós quem ler os documentos que ali deixamos»—responde o nosso informador.

E conclui: «Sobre este assunto ainda não está dito tudo. O mais bonito está ainda por aparecer. Para já, porém, ficamos nisto: não foi a anterior direcção que deu garantias ao tal Pombal, perdão, ao tal Pombal. Foram estes que lá estão agora, visto que os outorgantes da escritura não são senão o bispo laico da rua de Santa Catarina e o tal Pombal, perdão, o tal Pombal e a respectiva cara metade. Quer dizer: o Eduardo John, com outro nome, como oportunamente iremos demonstrar. Isto não val a matar. Lá iremos aos poucos, e até nos quer parecer que, no fim de tudo isto, os tais directores antigos ainda nos não de agradecer por lhes prestar o serviço de não deixarmos sózinhos no campo das responsabilidades. Onde todos pagam não é caro, e por isso vamos ver se juntamos mais uma boa dúzia de tubarões aos quatro directores e mais dois empregados...»

E foi assim... e foi assim... que deram com o Banco Comercial do Porto em pantanas...

C. V. S.

PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

SOLIDARIEDADE

José Vilhena

Mais uma vez a comissão de auxilio ao camarada José Vilhena se dirige ao proletariado revolucionário para que lhe preste solidariedade.

José Vilhena, procura tratar-se e não possue recursos.

Perseguido pela burguezia e martirizado pela doença, Vilhena, não deve ser esquecido pelos trabalhadores, pelos revolucionários, que lutam também por uma sociedade melhor.

E' já no próximo dia 18 que se realiza a festa em favor deste dedicado camarada, no Salão de Festas da Construção Civil, na Calçada do Combro, 38-2.

Todos os camaradas que desejem adquirir bilhetes podem requisitá-los na Administração de A Batalha ou a qualquer dos membros da comissão de auxilio.

Quaisquer donativos também serão aceites na morada acima.

Solidariedade a José Vilhena!

No Salão da Construção Civil realiza-se hoje a festa de solidariedade a Anibal Castanheira. Subirá à scena o drama em 3 actos, «O mineiro», original de Samuel de Paiva. O espectáculo será concluído com a comédia «39 da 8.ª», e ainda, um acto dedicado à canção nacional, com a cooperação de Artur do Intendente.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 1\$500.

Alguns camaradas que desejem adquirir este interessante semanário podem dirigir-se a nossa administração.

AS GREVES

NO ESTRANGEIRO

Têxteis de Passaic

NOVA YORK.—Há longas semanas que se mantém a greve dos operários têxteis de Passaic. A-pesar-disso, os grevistas continuavam a lutar entusiasticamente, tendo a apoio-lhes todo o operariado dos Estados Unidos desde a Costa do Atlântico até ao Pacífico. Parece, pois, que a criminosa pretensão do patronato de reduzir os já magros salários dos que à custa do seu sangue lhes enchem as burras de ouro, não passará desta vez ao domínio dos factos.

Em vista do prolongamento da greve, pensa-se em distribuir os filhos dos 10.000 grevistas por casa dos operários das outras indústrias, a-fim-de que os gritos de fome dos inocentes não lhes desmoralizem, seus pais, e quebrem as energias para a luta, como já tantas vezes tem sucedido.

Operários de tabacos em Tanager

LONDRES, 10.—Comunicam de Tanager que se declararam em greve 500 operários da regie dos Tabacos, tendo daí resultado algumas desordens.—(H.)

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.518, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 60.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

POR MOÇAMBIQUE

Prossegue a história dos crimes e esbanjamentos de Azevedo Coutinho

O consulado de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho foi fértil em acontecimentos. Mais um ano do politico democrático na primeira magistratura de Moçambique e tudo seria devorado.

A Batalha tem documentado a acção politica, social e administrativa que Vitor Hugo exerceu, atropelando os homens, desencadeando os acontecimentos na sua brutalidade trágica, dando a todos o espectáculo desolador da sua incompetência administrativa e da sua tirania senil.

Não há assunto que não abordassemos. Não há problema que não fosse poderosamente focado, orando-o de números, iluminando-o de verdade, e a-pesar-de muito tempo dito, o bastante para se esfarrapar a reputação que aos olhos do vulgo ignaro se apresentasse mais sólida, ainda muitíssimo resta para acrescentar na descrição da obra hedionda, nefasta e pecaminosa que o «Nero de Moçambique» desenrolou na Africa Oriental Portuguesa, sulcando-a de despotismos, de lágrimas, de sangue e de ruína.

Tudo arrazoou.

Nos serviços públicos estabeleceu o mais infernal pandemônio. Atirou-se às massas operárias, verdadeiras máquinas produtoras de riqueza e de progresso, e perseguiram, encarcerou os seus melhores valores, lançou na miséria tantos braços viris, tantas famílias que estavam engrossando, com infinitas vantagens, a colonização portuguesa. Por tal modo encaminhou os negócios financeiros de Moçambique que, por intermédio dum Conselho de Câmbios que fundou, conduziu proprietários, industriais, comerciantes e agricultores, às portas da falência.

Para cúmulo, atirando para a folha oficial com o fogo de vistas dalgumas dividas pagas, ao mesmo tempo que não diz que o dinheiro para tal lhe veio de receitas que o seu antecessor criara e de 200.000 libras que encontrou em cofre, patenteia-se aos olhos de todos esta mancha indelevel:—Os pagamentos de todos os funcionários coloniais, licenciados ou aposentados na Metrópole, são pagos em dia, excepto os dos funcionários de Moçambique que andam atrasadíssimos, vendo-se estes modestos servidores do Estado na necessidade de, várias vezes, recorrerem às casas de prego; e o prémio de transferência, segundo a informação telegráfica remetida por uma Associação Commercial de Lourenço Marques ao ministro das Colónias, estava, em 29 de Junho, a 88 por cento!!

Isto diz tudo.

Ainda há dias atiramos para público com os esbanjamentos de Azevedo Coutinho nestes dois capítulos:—Despesas com a sustentação de automóveis que tinha ao seu serviço,—e despesas com jantares semanais a toda a casta de bicho careta; hoje queremos servir outro pratinho das interessantes economias que o «Nero de Moçambique» fez, enquanto exerceu o lugar de alto comensal.

Sabe muitíssima gente que, em volta do Palácio da Ponta Vermelha, existia, há mais de 30 anos, um jardim bem cuidado. Debaixo duma frondosa árvore dele, António Enx, trabalhou e organizou planos para derrubar o régulo Gungunhana.

Foi esse jardim conservado por Mousinho, Freire de Andrade, Alvaro de Castro, Massano de Amorim, Brito Camacho; pois Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, logo que chegou a Lourenço Marques, arrazoou-o, transformando-o em campo de hortaliças.

Pareceu-lhe pouco o que o Estado lhe dava: 2.190 escudos por dia, só em vencimento expresso nas tabelas orçamentais, 600 contos por ano; e por isso arrazoou o jardim, a fim de não ter que ir comprar hortaliças à praça. Ali passou a cultivar couves, nabos, pepinos, tomates, cenouras, etc., etc., pondo em maravilhosos destaque a sua absorvente preocupação:—«Comer».

Não se julgue, porém, que o único mal que resultou do vandalismo fora apenas o arranque de roseiras mimosas, de árvores antigas.

Ah! Não!

Como alto comensal, Vitor Hugo não comia somente,—devorava sofregamente tudo quanto nos cofres públicos caia; e foi assim que, no vandálico acto de transformar o jardim do palácio do Governo em nabal, gastou aproximadamente 2.200 libras, ao cambio que ainda hoje vigora em Moçambique qualquer coisa parecida com 220 contos.

Não há invenção.

Estão escritos estes números nas repartições competentes de Lourenço Marques; e o actual Alto Comissário, sr. Massano de Amorim, que conhecia muito bem o jardim antigo, vai agora ver o campo de hortaliças que, em tristíssima herança, lhe legou Vitor Hugo.

Mandou comer cerca de 100 bois das circunscrições aos pretos que lhe deram um batucue, e ficou-se rindo da ingenuidade publica;

Papou, e os seus amigalhões, quantos jantares quizes, e mandou-os pagar pela Fazenda, como se as receitas do Estado fossem roupa de franceses, e vão ver que o não fazem repor o dinheiro indevidamente gasto;

Gastou quanto quizes, com os automóveis do palácio, consentindo que o «casa, cama e roupa lavada» andasse com eles pelas vielas mais sujas, e o Ministério das Colónias talvez ache bem;

Finalmente, gastou 220 contos a destruir um jardim por onde tinham passado homens de grande envergadura, e talvez haja quem comente o vandalismo com esta facécia: Afinal erravam a vocação ap homem,—onde ele dava muita era em hortaliças.

Não se julgue, porém, que na verba de 220 contos estão incluídas as despesas com água das regas.

Juntando àquella quantia as importâncias dispendidas com a água, o nabal deve estar por uma continha enorme, pois houve me-

CONTRA OS TOUROS DE MORTE

Uma atitude nobilitante da organização operária de Evora contra um espectáculo digno de bárbaros

Em Evora pretende-se ressuscitar o instinto da bestatavica que dorme nos elementos reaccionários daquela cidade; pretende-se realizar uma corrida com touros de morte, com o pretexto hipocrita de auxiliar as casas de caridade. E só appareceu naquella cidade de tradições liberais a defender a civilização, marcando com desassombro o seu protesto a organização operária de Evora. E' ela neste momento quem salva a cidade duma vergonha, quem a defende do opróbrio—do opróbrio em que incorrerá se tal reaccionária premeditação conseguir vingar.

O observador atento dos acontecimentos que occorrem neste país, deve ter reparado que no meio do desmoralamento geral a organização operária é uma attitud digna, no meio da podridão ella é a única força reagente; entre a cobardia geral ella marca a coragem levada até á suprema abnegação, arrastada até ao sacrificio ousado e bello da vida e da liberdade.

Evora tem, como acentuámos, uma grande tradição liberal; num país que se vergava outrora ao dominio jesuitico ella soube afirmar a sua independencia e a sua revolta. Se não fosse a organização operária Evora seria hoje uma cidade essencialmente selvagem e regressiva.

Surge a ameaça dos touros de morte. E quem apparece a protestar, a lutar contra essa odiosa e vergenhosa ressurreição dum passado de decadência que parecia morto para sempre? A organização operária. Onde estão os liberais, esses liberais a quem cumpria defender a tradição que nobilitou a cidade e o impôs á admiração dum país que parecia adormecido e narcotizado? Ninguém os ouve, ninguém os vê e a sua acção merece uma palavra severa a exprimi-la—inação.

Os touros de morte não eram permitidos desde longos annos, pela própria monarchia. Como podem elles ressuscitar—se não marcando um regresso a tempos de obscurantismo e de reaccionarismo com as quaes chegou a incompatibilizar-se o regime de posto em 1910?

Uma sociedade que admira toureiros—é

OS GRANDES MILAGRES...

A Senhora de Fátima "pescou" uma criança do ventre materno

MUGE, 8.—Ontem appareceram nesta terra duas mulheres a revelarem um «grande milagre» da Senhora de Fátima, grande milagre que passamos a referir:—Uma mulher de Benavente que estava para dar á luz uma criança, viu-se entre grandes dores e grandes embaraços e a certa altura vendo o seu parto completamente perdido, chamou urgentemente e alitivamente pela Senhora de Fátima. Esta «appareceu» immediatamente e com o auxilio duma linha, «pescou» a criança.

A Senhora de Fátima não ficou por ali na sua generosidade. Anunciou á parturiente milagrada que ao proximo dia 12 havia um tremor de terra que duraria 6 horas e um trovão que duraria uma hora. Só se salvaria quem tivesse mulhinha.

E a senhora de Fátima entregou uma porção de linhas a essa mulher encarregando-a de a distribuir por outras. A superstição feminina é tão grande nestas terras que a maioria das mulheres estão positivamente doídas. Em todos os distritos de Santarém este negocio de linhas pegou e tornou-se já uma especulação rendosissima. Este facto revela bem a mentalidade da maioria dos perigrinos de Fátima, sendo sintomático observar que os padres não se manifestam, de modo algum, descontentes com esta burla, visto que ella contribui para afeverar as superstições religiosas na alma simples e ignorante e primitiva dos crentes.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biographico do autor: preço 1\$00.

Pedidos á administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 1\$50.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Contra Mestres, Marinheiros e Mergos da Marinha Mercante

As festas do anniversario desta Associação, por ordem da autoridade, ficam adiadas até que termine a suspensão de garantias.

se es que as torneiras vasaram 2.920 metros cúbicos d'aquele líquido.

Não sabemos quanto paga o governo por unidade de água, mas não deve andar longe de 2\$00.

Veja-se, portanto, pelo preço que ficou ao povo, a senil extravagância de Vitor Hugo.

E, neste País de nulidades e de falta de memória, o «Nero» ainda é capaz de passar á história politica com o titulo de grande homem.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos o Conselho Confederal.

Camara Sindical do Trabalho

Comissão Instaladora

Reúne amanhã, pelas 21 horas, com a comparência de todos os componentes, devendo o camarada tesoureiro fazer-se acompanhar de toda a documentação administrativa.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

S. U. da Construção Civil.—Para reanudar as negociações para a colocação dos operários sem trabalho, devem comparecer hoje na sede, pelas 14 horas, o delegado nomeado em assembleia geral, bem como os restantes camaradas que fazem parte da referida comissão.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—Pelas 9 horas da manhã, a assembleia geral desta classe, para continuação de trabalhos pendentes da anterior assembleia.

Manipuladores de Pão.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

DIAS PROXIMOS:

S. U. da Construção Civil.—Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Amanhã, pelas 21 horas, a fim de rever as contas referentes ao mês de Junho, o conselho fiscal.

Secção do Alto do Pina.—Amanhã, pelas 21 horas, as comissões administrativas das secções metalúrgica e da construção civil.

Sindicato Metalúrgico.—Secção do Alto do Pina.—Amanhã, pelas 20 horas, a comissão reorganizadora.

Asilo-Escola António Feliciano de Castilho

Na sede do asilo-escola António Feliciano de Castilho, á rua Correia Teles, realiza-se hoje, pelas 16 horas, uma interessante festa. O programa ficou assim deli-

neado:

I Parte:—«Le chant du poète», sinfonia pela orquestra—A. Ermann; «Olga», (filleuse) para piano pelo aluno Joaquim da Silva Rosário;—Fernão Bom Tempo; «Só», romance pela aluna Guilhermina Gomes—Paulo Tosti; «Consulta», poesia pela aluna Idalina Vicente—Adriana D'Alter; «Pensamento Musical», quarteto de instrumentos de corda—Augusto Marques; «Madame Butterfly», romance pela aluna Emilia Montalvo—Puccini; «Expansion», solo de violoncelo pela aluna Idalina Vicente—Claude Flevet; «As mondaideiras», coro pelas alunas—Emilia Montalvo; «Confidência» por D. Emilia de Sousa Costa.

II Parte:—«Ouverture da Opera «Norma», pela orquestra—Bellini; «Meditation», quarteto para violino, violoncelo, piano e órgão pelos srs. António Marques, Manuel Prego, Edmundo Macedo e Joaquim da Silva Rosário—Auguste Durand; «A minha filha», soneto pela aluna Maria Pereira—Eugénio de Castro; «Cruz... de amor», soneto pela aluna Maria Pereira, Adriana D'Alter; «Duas recreações para flauta», pelo aluno Eugénio Sousa e Cruz; «1.ª parte da Sonata n.º 1», para piano, pela aluna Laura Ferreira—Beethoven; «Chanson de Solveig», pela aluna Emilia Montalvo, acompanhada ao piano pela Sr.ª D. Maria Helena Galvão Mexia de Gouveia—Grieg; «Melodia de amor», pela aluna Emilia Montalvo—Ruy Coelho; «Spanischer-Janz», solo de violino pelo prof. António Marques—Fabian Rhefeld; «Eco», capricho-polca pela orquestra—Augusto Marques.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada El otro amor de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos á administração de A Batalha

LEIAM A'MANHÃ

Suplemento semanal

DE

A BATALHA

SUMÁRIO:

Na fogueira nacional, por Ladislau Batalha.

A pena de morte, por Alfredo Marques.

A vida do trabalho—A gare, por Eduardo Frias.

Guerra Junqueiro, por Eugénio Navarro.

A hora de veranciar, por Ferreira de Castro.

Episódios inéditos da vida de Abdel-Krim, pelo Repórter X.

Camponeses!, versos de Roberto das Neves.

A luta abolicionista na Alemanha.

O que todos devem saber (com gravuras).

Chico, & Zecas (com gravuras).

Silvério dos Santos

O nosso camarada Silvério dos Santos, conhecido militante da classe corticeira, passou da enfermaria de São Sebastião do hospital de São José para a enfermaria de São Fernando do mesmo hospital, onde pode ser visitado por todos os camaradas.

Grande excursão fluvial

A comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa realiza no dia 15 de agosto um passeio fluvial pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, havendo um desembarque na Trafaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, depois do que se prosseguirá o passeio até ao Seixal regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço, pelas 8 horas, devendo regressar-se ás 20 no mesmo local.

Acompanha a excursão um excelente grupo musical, estando a comissão organizadora elaborando um interessante programa de diversões populares que muito hão-de agradar aos excursionistas.

Os bilhetes estão á venda na administração de A Batalha, na residência do continuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.